



# A função desobjetalizante na obra de André Green: um modelo para a psicossomática

*Marília Aisenstein\**, Paris

*Claude Smadja\*\**, Paris

*Os autores expõem a sua compreensão da contribuição de André Green para uma teoria psicossomática. Esta adquire seu significado na aproximação entre os fatos psicossomáticos e os estados-limites. O marco conceitual dentro do qual André Green propõe sua compreensão dos transtornos psicossomáticos é o trabalho do negativo. Foi dentro desse marco que ele expôs suas hipóteses acerca dos processos psicossomáticos: todas elas repousam na ação da pulsão de morte e de sua função desobjetalizante. Podemos encontrar entre Green e Marty um parentesco de pensamento, mas também divergências teóricas que expomos aqui.*

*Descritores: psicossomática, pulsão, pulsão de morte, desobjetalização, dessubjetivação, negativo, trabalho do negativo, narcisismo.*

---

\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

\*\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).



*“O que caracterizaria o destino de uma forma de organização pulsional que se aplicaria à psicossomática seria a ruptura precoce da ligação da pulsão com o futuro objeto, o desligamento do componente energético pulsional do objeto que ela visa, ficando ela então à deriva [...]” (Green, 2007, p. 58)*

André Green sempre manifestou um interesse acentuado pelas observações psicossomáticas e, em especial, pelos trabalhos dos psicanalistas da Escola Psicossomática de Paris. Suas relações com Pierre Marty eram de natureza complexa ou mesmo ambígua. Caracterizavam-se por uma franca admiração pela obra de Marty e, ao mesmo tempo, por discordâncias profundas do ponto de vista teórico. A relação comum de Green e Marty com Maurice Bouvet contribuía para a aproximação entre as obras dos dois primeiros. Os campos dos estados limítrofes e das desorganizações psicossomáticas, que foram desenvolvidos paralelamente por André Green e Pierre Marty, são distintos no plano da clínica e da teoria psicanalítica, mas apresentam, por outro lado, relações de parentesco que os dois autores não deixaram de destacar.

Assim, em *O conceito de limite* (1976), Green destaca a aproximação entre os casos-limite e os doentes somáticos, propondo ao mesmo tempo uma interpretação comum aos dois com referência ao modelo psicanalítico de Maurice Bouvet (1967), especialmente da neurose de despersonalização. Além disso, os trabalhos da Escola Psicossomática de Paris esclareceram muitos traços indispensáveis a uma melhor abordagem dos casos-limite. O conceito do *aproximado* de Bouvet tenta apreender de maneira hipotética o que a relação de objeto seria se as defesas fossem devastadas.

Essa relação não organizada e tempestuosa dita ao analista sua atitude em relação ao paciente. *A relação à distância* – criada pelas defesas onerosas do paciente, as quais tornam as relações de objeto precárias ou mesmo impossíveis e, no que diz respeito ao eu, empobrecem sua relação com ele mesmo – é substituída por uma nova relação que se estabelece por meio da melhor distância possível na análise da transferência.

Tornam-se possíveis, então, uma melhor tolerância às pulsões e uma abertura do eu tanto para o mundo interno quanto para o mundo externo. As descobertas de Maurice Bouvet revelaram-se extremamente úteis para o manejo dos *casos*



*díficeis*. Pierre Marty, por sua vez, fez grande uso da noção de neurose de caráter. Esta corresponde a uma categoria nosográfica definida como uma organização neurótica de mentalização variável. A neurose de caráter assim definida tornou-se, para Pierre Marty (1990), o tipo de organização mental com maior potencialidade de desorganização psicossomática. Foi o parentesco dessa categoria nosográfica com os casos-limite que Pierre Marty identificou.

Uma história datando dos anos 1980 ilustra a atração e a profunda ambivalência que caracterizaram a relação entre os dois grandes teóricos e clínicos, irmãos de divã também, que foram Green e Marty. Certo dia, André Green perguntou a um de nós: “Então Marty pensa que estou em Chicago? Mas eu estou morando em Paris; poderiam me convidar ao IPSO, para uma consulta, por exemplo...” Quando isso foi contado a Pierre Marty, sua resposta foi a seguinte: “Pois que ele venha quando quiser.” A famosa consulta foi, então, organizada com sua concordância, mas sem sua ajuda. As consultas eram gravadas e retransmitidas na sala de conferências, onde, naquele dia, havia uma multidão maciça. A paciente sofria da doença de Crohn, que se manifestou pouco tempo depois do parto de sua filha única. André Green deu uma consulta brilhante, levando a paciente a abordar seus conflitos edípicos, atualizados pela gravidez da filha.

Green veio em seguida nos encontrar na sala de conferências e foi cumprimentado por Marty, que lhe disse: “Nota dez! Eu não teria feito melhor”. Green desenvolveu sua abordagem segundo a qual a matriz da neurose era insuficiente para explicar a violência da destruição do corpo. Alguns dias depois, procuramos a fita de vídeo, mas não a encontramos. Pierre Marty fez “uma manobra errada” – nos disse a secretária – e a apagou.

De fato, se, por um lado, identificam-se indiscutivelmente convergências entre casos-limite e somatoses, por outro, divergências profundas separam André Green e Pierre Marty quanto à interpretação do fato psicossomático. A discordância fundamental entre os dois autores concerne à escolha da organização neurótica como referência oponível às organizações psicossomáticas na concepção de Pierre Marty. Para André Green, são as modalidades de funcionamento mental dos estados-limite que representam a referência oponível mais fecunda para a compreensão psicanalítica dos fatos psicossomáticos. Segundo ele, aí está o sentido profundo da aproximação entre as duas categorias clínicas dos estados-limite e das desorganizações psicossomáticas. Assim, ele pensava que, por detrás da aparente normalidade dos pacientes operatórios, dissimulava-se, enfiada no psiquismo, uma loucura peculiar. E é necessário ver a loucura que os habita por detrás dessa fachada perfeitamente operatória. André Green acredita que existe algo em que o negativo faz a sua parte. Porque essa espécie de superadaptação às



circunstâncias fatuais e perceptivas, que dão a impressão de seguirem na linha da normalidade, seria, segundo ele, o sinal de uma demência total.

O trabalho do negativo representa o fio condutor da abordagem greeniana dos processos de somatização. O sucesso de tal abordagem para a inteligibilidade dos estados-limite, conjugado com o parentesco metapsicológico destes com os estados psicossomáticos, incentivaram André Green a emitir hipóteses psicanalíticas originais para explicar fatos disparates e enigmáticos de todo o campo psicossomático. Porém, deve-se lembrar, em primeiro lugar, que, para Green (1973), o trabalho do negativo comporta duas dimensões que modificam profundamente o curso dos acontecimentos psíquicos: uma dimensão construtiva que leva, a termo, ao processo de simbolização<sup>1</sup> e uma dimensão destrutiva que leva, a termo, à desorganização do funcionamento psíquico. Em *Le travail du négatif* (1993), Green define os dois polos do trabalho do negativo: num polo, reúnem-se, sob a denominação de defesas primárias, os mecanismos (recalque, forclusão, negação, desmentida, etc.) que, diferentemente dos outros, possuem todos como objeto comum o tratamento por *sim* ou por *não* da atividade psíquica.

Eis o cerne, sem dúvida, daquilo que se designa por *trabalho do negativo*, concebido principalmente do ponto de vista do funcionamento do eu. Mas seria um erro limitar o trabalho do negativo a esse conjunto de defesas *primárias*, porque esqueceríamos que a perspectiva aberta por Freud, em seu artigo sobre a *negação* (1925), procura determinar as relações entre as incidências psicanalíticas desse fenômeno linguístico e outras atividades psíquicas mais fundamentais, dependentes do jogo das moções pulsionais primárias.

O trabalho do negativo vai muito além, portanto, da esfera do eu. Neste caso, ele é usado para fins diversos, mas todos estes fins se põem a serviço da desorganização. Encontramos aí as modalidades através das quais a negação se transforma em denegação, aquelas graças às quais o narcisismo vem substituir o masoquismo para garantir o fechamento que o torna impermeável à mudança, e vemos, por fim, de que modo a desmentida, cujos efeitos parecem limitados à primeira vista, pode submeter a clivagem a um desinvestimento que afeta o sujeito, levando-o aos extremos do desengajamento. E Green pretendia interpretar as grandes figuras clássicas da clínica psicossomática – pensamento operatório, depressão essencial, desorganização psíquica e somática – como formas de negatividade radical. O esquema do negativo pode ser confrontado aqui com o esquema da mentalização adotado na concepção de Pierre Marty.

<sup>1</sup> Esse aspecto negativo, mas positivado, forma-se graças não só à introjeção dos cuidados maternos, mas também da mãe, negativamente alucinada (*Le discours vivant*, Paris: PUF, 1973, p. 302).



Podemos então relacionar os dois esquemas considerando que, quanto mais subimos na escala da mentalização, mais nos aproximamos do polo construtivo do trabalho do negativo, ao passo que, quanto mais descemos na escala da mentalização, mais nos aproximamos do polo destrutivo da negatividade. Todavia, essa comparação entre os dois esquemas teóricos encontra aqui seu limite. Pois o trabalho do negativo repousa integralmente no conceito freudiano de pulsão de destruição ou de morte, enquanto a noção de mentalização é conceitualmente dependente daquela dos movimentos evolutivos e contraevolutivos.

Ora, é no que tange à pulsão de morte e a toda a concepção pulsional que a embasa que as abordagens teóricas de André Green e de Pierre Marty divergem profundamente. Na concepção pulsional de Pierre Marty, somente as pulsões sexuais exercem uma força dinâmica em prol da construção do ser individual no sentido da evolução e até o seu fim evolutivo psíquico. Os movimentos individuais de morte são, no pensamento de Marty, a consequência do fracasso momentâneo ou duradouro, sempre de origem traumática, dos movimentos individuais de vida sustentados pelas pulsões sexuais. André Green, por sua vez, situou na base do seu edifício teórico a dualidade pulsional freudiana – pulsão de vida, pulsão de morte – enriquecendo-a, ao mesmo tempo, com dois prolongamentos teóricos fundamentais que alicerçam e dão sentido ao trabalho do negativo: a função objetalizante da pulsão de vida e a função desobjetalizante da pulsão de morte.

As hipóteses desenvolvidas por Green acerca dos processos psicossomáticos constituem um conjunto coerente cujo marco é representado pelo trabalho do negativo e cuja orientação significativa é representada pela função desobjetalizante da pulsão de morte. Esse conjunto traça os contornos de um modelo metapsicológico heurístico que permite tornar inteligíveis os fatos psicossomáticos observados a partir dos tratamentos analíticos. O aporte teórico de André Green para a compreensão do jogo das pulsões primordiais – pulsão de vida e pulsão de morte – e de seus papéis no funcionamento dos processos psíquicos é fundamental pelo fato de aclarar e aprofundar as funções das duas categorias de pulsões concorrentes. As inovações teóricas de André Green repousam em dois pressupostos:

a) A pulsão tem sua fonte no corpo, mas ela se efetua no seu encontro com o objeto. É o que leva Green a afirmar que o objeto é o revelador da pulsão. Isso confere ao objeto um sentido subjetal que define *après coup* a pulsão. Avalia-se a discrepância significativa entre o sentido atribuído ao objeto na concepção greeniana e os significados comuns que mantêm o objeto num já-existente e num *status* de pura objetividade.

b) Freud definiu as funções correspondentes aos dois grupos de pulsões



atribuindo o mecanismo da ligação às pulsões de vida e o do desligamento às pulsões de morte. Fiel ao seu dualismo, ele afirma, contudo, que nenhum fenômeno psíquico é o resultado de uma única pulsão. Green discorda um pouco dessa definição freudiana, assinalando que as pulsões de vida são representadas por uma sucessão de mecanismos de ligação, de desligamento e de religação, enquanto as pulsões de morte são exclusivamente representadas pelo mecanismo do desligamento.

É a partir dessas duas pressuposições que Green formula a sua hipótese pulsional sobre as respectivas funções das pulsões de vida e das pulsões de morte e hipóteses com grande potencial de inteligibilidade para todos os processos psíquicos normais e patológicos. Em *O trabalho do negativo* (1993), Green defende a ideia de que as pulsões de vida visam essencialmente a assegurar uma função objetualizante. Isto não significa que seu papel seja apenas estabelecer uma relação com o objeto (interno e externo), mas que elas também podem transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não é diretamente posto em xeque. A função objetualizante, portanto, não se limita às transformações do objeto, podendo também elevar à categoria de objeto algo que não possua nenhuma das qualidades dele, desde que seja mantido, no trabalho psíquico, um investimento significativo. Essa definição da função objetualizante das pulsões de vida destaca o papel essencial reservado às pulsões eróticas nos processos de transformação criadores de objeto. Por outro lado, para Green, o investimento é portador de sentido, o que lhe confere a capacidade de fazer de um não-objeto um objeto; e este objeto, por sua vez, revelará a pulsão *après coup*, identificando-a e significando-a.

A pulsão de morte visaria, ao contrário, de acordo com Green, a cumprir o quanto possível uma função desobjetualizante pelo desligamento. Essa qualificação permite compreender o fato de que não é somente a relação com o objeto que se vê atacada, mas também todos os seus substitutos – o eu, por exemplo, e o próprio investimento. Na verdade, assistimos apenas, na maioria das vezes, ao funcionamento concorrente das atividades relacionadas com os dois grupos de pulsões. Mas a manifestação própria da destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento. Precisamos compreender bem que o desinvestimento, que constitui o cerne do trabalho da função desobjetualizante da pulsão de morte, não é uma simples retirada do investimento de um objeto seguida de sua transferência para outro objeto. Trata-se de um verdadeiro processo de morte pelo qual todo e qualquer investimento significativo é rompido e privado de seu conteúdo de vida para chegar, enfim, a um fragmento de morte psíquica. Podemos, neste ponto, aproximar a definição da função desobjetualizante daquela dos processos de



desorganização adotada no pensamento de Pierre Marty (1990) e representada em seu cerne pela anulação de todas as formações psíquicas. Aliás, o próprio Pierre Marty reconheceu o parentesco de sua concepção de um movimento mortífero de ordem psíquica, e depois somática, com a concepção de André Green, expressa na função desobjetalizante da pulsão de morte:

[...] encontramos [escreve Pierre Marty em seu pequeno livro da coleção *Que sais-je?*] um movimento paralelo ao do nosso pensamento em André Green, quando, numa discussão psicanalítica sobre a *pulsão de morte*, ele descreve notavelmente as noções de *função objetalizante* por ligação e de *função desobjetalizante* por desligamento (Marty, 1990, p. 34).

Falta apenas um passo – que daremos – para considerar, concordando com André Green, que grande parte das propriedades psíquicas dos pacientes somáticos, especialmente daqueles que apresentam uma desorganização somática grave, é acessível à inteligibilidade clínica e teórica a partir do modelo da função desobjetalizante da pulsão de morte. É neste sentido que, para Green, os trabalhos da Escola Psicossomática de Paris (Pierre Marty: pensamento operatório, depressão essencial, dessublimação regressiva, desorganização progressiva, patologia do pré-consciente) constituem uma contribuição de grande valor para refletir sobre essa questão e parecem corroborar a hipótese do desinvestimento e a finalidade desobjetalizante da pulsão de morte.

Num artigo escrito em julho de 2007, *Pulsions de destruction et maladies somatiques*, Green propõe uma elaboração metapsicológica dos processos psicossomáticos de base, assentando sua reflexão no trabalho clínico de um de nós. Essa elaboração é a mais aprofundada e a mais inovadora que ele apresentou no campo da psicossomática. Ela conduz à apresentação de uma hipótese metapsicológica que deveria explicar, em grande proximidade com a clínica psicossomática, os processos psíquicos em jogo nos estados de desmentalização dos pacientes somáticos. Tal hipótese ilustra notavelmente, em nossa opinião, o trabalho da função desobjetalizante da pulsão de morte no campo da psicossomática.

A reflexão de André Green evolui em três tempos. Num primeiro tempo, Green tenta fazer uma síntese das facetas esparsas e variadas da clínica dos pacientes somáticos. Depois de ter tratado da existência de um falso *self*, de uma vontade estranha no *self* do paciente, de um luto interminável ou de um tamponamento narcísico pós-traumático, Green admite que nenhuma dessas hipóteses o convence. Ele afirma que





[...] quaisquer que sejam as eventualidades propostas, o que lhes falta é o fato de que sua manifestação não permite suspeitar a busca de outra individualidade ali ausente. Estaríamos antes lidando com a ausência de uma unidade potencial daquele a quem é dirigida a atividade, sem que compreendamos bem a forma de existência que disso resulta. E essa ausência nada mais é que a ausência do sujeito como verdadeiro polo do endereçamento da troca. Parece-me faltar, neste caso, a liga – por mais ilusória que seja – de um querer pulsional que dê à base subjetiva o esboço de um caráter. Não que a atividade seja incoerente, mas porque ela revela a falha fundamental que a impede, na verdade, de tomar o seu lugar como pulsão. Falta-lhe o acesso a uma potencialidade que se atrelaria ao desejo, à referência ao outro (Green, 2007, p. 51).

Durante esse primeiro tempo – clínico – Green descobre a falha fundamental desses pacientes típicos, muito próximos do polo operatório: a falha na construção da subjetividade. Mas há mais do que isso. De acordo com Green, se falta um sujeito é porque falta um objeto. E é por isso que a construção do sujeito e a construção do objeto se tornam indissociáveis. Sujeito e objeto constroem-se e significam-se juntos em relações *après-coup* sucessivas e circulares. Isso leva Green a fazer o que ele chama de revisão do conceito de pulsão.

Para entender bem a hipótese metapsicológica formulada por Green em relação aos processos psicossomáticos, consideramos necessário transcrever aqui uma longa citação do autor que explicita a sua concepção muito original do conceito de pulsão:

Considero essa revisão necessária. Freud expressou a ideia de um conceito limítrofe que, desde a sua criação, fazia menção à existência do trabalho imposto ao psíquico em decorrência do seu atrelamento ao corporal. Paralelamente a essa ideia de um vaivém entre o corporal e o psíquico e à demanda cada vez maior dirigida ao psiquismo de traduzir as exigências do corpo numa linguagem bem compreensível para esse psiquismo, devemos admitir que não se trata de uma linguagem propriamente dita, tampouco de um código, mas de uma matéria conversível que se mantém atrelada a um sistema de forças, movimentos afetivos em busca de objeto. Se buscarmos fórmulas alternativas para o conceito de pulsão, a ideia inicial de quantidade em movimento impõe-se ainda mais no caso das formas psicossomáticas. Ela deve, pois, ser mantida. Mas o conceito de pulsão do modo como pode ser extraído das neuroses mentalizadas deve completar a fórmula *quantidade*



*em movimento* que vai na direção daquilo que deve se tornar a representação de objeto por uma via diferente daquela do simples destino das pulsões. À definição freudiana faltava o fato de que a quantidade em movimento buscava sua via, seu traçado, em direção ao objeto e elaborando os traços a partir dos restos perceptivos em vias de transformação para alcançar o status da representação (Ibid, p. 55-56).

Podemos nos perguntar aqui se *a mobilidade* mencionada por Green não é redutível à noção de

[...] pressão a que Freud se refere longamente, pressão essa que, como se pode imaginar, está em busca de objeto. Uma pulsão, em suma, em busca de si mesma, como expressão da descentragem de si, perseguindo aquilo que possa lhe dar então o sentimento de coincidência com ela mesma no encontro. Em outras palavras, sem sujeito prévio, somente *après coup*. Assim sendo, o que queremos afirmar é a solidariedade da quantidade de energia em movimento da qual o corpo é o ponto de partida, seguindo as vias da impressão deixada pelo objeto na direção da construção de seu traço, que, por sua vez, deve efetuar a sua transformação em representação – fora da esfera do significante. Dito de outro modo, o que se dá como representação de objeto só é perceptível aqui sob uma forma sem pulsão, que será apreendida em seu encontro e em sua solidariedade com a quantidade de energia em movimento como aquilo que lhe dará um sentido. Defendo essa abordagem há muito tempo, pelo menos desde 1967, sem ter podido extrair todas as suas consequências para a psicossomática (Ibid, 2007, p. 56).

Essa longa citação permite compreender de que modo as inovações teóricas de Green possibilitam ampliar e enriquecer a concepção freudiana clássica da pulsão. O que está no cerne dessa revisão do conceito de pulsão por André Green é a noção de trabalho da pulsão. Vemos construir-se e significar-se aqui a pulsão por um lento processo transformacional, cujo eixo é representado pelo encontro de dois elementos heterogêneos e provenientes de fontes diferentes: a quantidade de energia em movimento proveniente do corpo e o objeto proveniente do mundo externo. Nesse espaço virtual econômico-dinâmico onde se desenrolam esses processos de transformação pulsional, podemos situar conceitualmente a noção de mentalização, do modo como foi pensada pelos fundadores da Escola Psicossomática de Paris. Lembremos que, para eles, o valor funcional das



representações definia-se por sua capacidade de integrar em formas psíquicas a energia da pulsão, ou seja, a quantidade de energia em movimento, através de um conjunto de traços perceptivos para alcançar objetos completos de ordem psíquica. Pierre Marty (1990), por sua vez, não pensava de outra maneira quando usou a metáfora do tecido anatômico para se referir à riqueza do pré-consciente: a espessura do pré-consciente.

O último tempo da reflexão de André Green é o da exposição de sua hipótese *princeps*. Ela explica de maneira clara e com pertinência teórica o trabalho minucioso da função desobjetalizante da pulsão de morte:

O que caracterizaria o destino de uma forma de organização pulsional aplicável à psicossomática seria o rompimento precoce da ligação da pulsão (no sentido tradicional) com o futuro objeto, o desligamento do componente energético pulsional do objeto visado, fazendo com que essa energia fique à deriva, sem encontrar destinatário, privada, portanto, da capacidade de modificar seu fundamento pela resposta que viria dele. Em suma, essa fonte faltante não pode oferecer ao narcisismo a possibilidade de desenvolver-se para operar a sua transformação em objetividade. Podemos dizer de certa forma que a função objetalizante encontra-se aí bloqueada em sua potencialidade evolutiva, pela falta de um outro que seja pensável. Para maior clareza, assumindo o risco de cometer uma simplificação, direi que tal objeto é unicamente funcional para as manipulações do sujeito e catalítico: sua presença é necessária para as reações, mas não toma parte nelas. O objeto é indutor, mas não desejante sem querer próprio. Não serve para fins de confusão sujeito-objeto, como na psicose. Alguma coisa nele permanece separada da pulsão, que parece desenvolver-se por sua própria conta – o que não passa de uma ilusão, pois acabamos de ver que a ligação pulsão-objeto é necessária para qualquer desenvolvimento dela. Em resumo, dir-se-á do objeto que ele talvez seja fonte de uma mobilidade que não traduz uma intenção reflexiva, mas a estimulação do polo transformacional da subjetividade, sem relação reflexiva com um objeto (Green, 2007, p. 58).

A ideia central é a disjunção dos dois elementos heterogêneos que, justamente, constituem o par formador da pulsão. E é exatamente essa disjunção entre a quantidade em movimento proveniente do corpo e o conjunto dos traços perceptivos vindos do objeto e tendo sua fonte no mundo externo que revela o lento e profundo trabalho da função desobjetalizante e do desinvestimento que ela efetua no tecido psíquico e, ao mesmo tempo, esse rompimento leva ao destino



de dois órfãos: a quantidade em movimento e o objeto. Isso leva Green a concluir que, nos estados mal mentalizados,

[...] uma vida pseudopulsional toma o lugar daquilo que se mantém implícito nas neuroses bem mentalizadas. Uma forma embrionária de intencionalidade não psíquica que toma as aparências da pulsão. Eis a minha ideia acerca dessa forma de vida psíquica: a quase identidade da intencionalidade psicossomática com o parentesco pulsional, chegando a imitar os seus aspectos mais conhecidos, com exceção de uma falha: a vinculação da manifestação com outra subjetividade fora de si mesmo, permitindo conceber o que se designa pela vida da mente em sua fundação elementar, mesmo fora de qualquer perspectiva relacional identificável (Green, 2007, p. 60-63).

A contribuição de André Green para o debate teórico sobre a psicossomática adquire seu significado na aproximação entre os fatos psicossomáticos e os estados-limites. O marco conceitual dentro do qual André Green propõe sua compreensão dos fatos psicossomáticos é o do trabalho do negativo. Foi dentro deste marco que ele expôs suas hipóteses a respeito dos processos psicossomáticos: todas elas repousam na ação da pulsão de morte e de sua função desobjetalizante. Podemos observar entre Green e Marty uma evolução paralela de pensamento, embora ela seja, no caso de Marty, anterior e formulada numa linguagem teórica totalmente diferente, através de suas hipóteses relativas aos processos de somatização.

Concluiremos com uma questão: podemos também nos interrogar sobre o parentesco entre as constelações clínicas de narcisismo patológico que se expressam sob a forma do caráter, do comportamento, da não-mentalização, descritas por Green, e certas desorganizações progressivas mais vertiginosas que podem levar à morte, pelas quais Pierre Marty se interessou. Tanto aquelas como estas podem ser vistas como destinos diferentes de falhas profundas e precoces nas bases narcísicas do eu, que entravariam a construção do funcionamento mental. Ora, se, por um lado, Pierre Marty falava pouco de narcisismo, por outro, ele enfatizou a importância de uma *função materna do terapeuta*. Grande pioneiro no estudo do narcisismo, Green completou o pensamento de Marty, definindo a *estrutura enquadrante da mãe*, alucinação negativa que se encontra no fundamento do funcionamento psíquico e da autonomia do pensamento. □



## Abstract

### **The deobjectalizing function in André Green's work: a model for psychosomatic theory**

The authors expose their understanding of André Green's contribution for psychosomatic theory. It acquires its meaning in the proximity of psychosomatic facts to the borderline states. The conceptual framework within which André Green proposes his understanding of the psychosomatic disorders is the work of the negative. It was within this framework that he presented his hypothesis on the psychosomatic processes: they are all based over the action of death instinct and its deobjectalizing function. We may find in Green and Marty parallels in thinking, but also theoretical disagreements which are exposed here.

Keywords: psychosomatic, drive, death instinct, deobjectivation, desubjectivation, negative, work of the negative, narcissism.

## Resumen

### **La función desobjetalizante en la obra de André Green: un modelo para la psicossomática**

Los autores exponen su comprensión del aporte de André Green a una teoría psicossomática. Esta adquiere su significado en la aproximación entre los hechos psicossomáticos y los estados límites. El marco conceptual dentro del cual André Green propone su comprensión de los trastornos psicossomáticos es el trabajo de lo negativo. Dentro de ese marco expuso sus hipótesis acerca de los procesos psicossomáticos: todas ellas radican en la acción de la pulsión de muerte y de su función desobjetalizante. Podemos encontrar entre Green y Marty un parentesco de pensamiento, pero también divergencias teóricas que exponemos aquí.

Palabras llave: psicossomática, pulsión, pulsión de muerte, desobjetalización, desubjetivación, negativo, trabajo de lo negativo, narcisismo.



## Referências

- Bouvet, M (1967). La Description des Structures Prégénitales. In *La Relation d'Objet*, Paris: Payot.
- Freud, S. (1925). La négation. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, (Vol. 19, pp. 235-241), London: Hogarth.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1976). Le Concept de Limite. In P. Hartocollis (dir.), *Borderline personality disorders : the concept, the syndrome, the patient*. International University Press ; In A. Green. *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, 1990, p. 121-163.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: De Minuit.
- \_\_\_\_\_. (2007). Pulsions de destruction et maladies somatiques. In *Maladie et Autodestruction. Revue Française de Psychosomatique*, pp. 45-71.
- Marty, P. (1990). *La psychosomatique de l'adulte*. Paris : PUF, 6. ed. Coll. Que sais-je ?, 2004.

Recebido em 27/11/2012

Aceito em 05/12/2012

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Cátia Olivier Mello e Suzana Deppermann Fortes**

**Marilia Aisenstein**

72, Rue D'Assas

75006 Paris – France

e-mail: marilia.aisenstein@gmail.com

**Claude Smadja**

107 Av. Du General Michel Bizot

75012 Paris – France

© Marilia Aisenstein & Claude Smadja

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA